

11 ABR 1991

A economia escapa do sufoco e dá sinais de reação

Um ano depois do sufocante Plano Collor I e dois meses após o Collor II, que engessou preços e salários, a economia brasileira dá mostras de que está se livrando da camisa-de-força imposta pelo governo. As vendas do comércio se recuperam, a produção de carros aumenta, as concordatas diminuem em São Paulo, bem como o número de falências e de títulos protestados.

Para os trabalhadores, no entanto, essa melhoria ainda não resultou em retomada do nível de emprego. As demissões continuaram em março, embora em ritmo menor que nos meses anteriores, o que revela que aos poucos a produção começa a voltar ao normal. Em janeiro, segundo dados da Federação das Indústrias de São Paulo (Fiesp), 68.772 pessoas (3,66% do total empregado) perderam seus postos na indústria paulista, número que caiu para 32.746 em fevereiro (1,81%) e 19.172 em março (1,08%).

Os empresários estão mais confiantes nos rumos da economia, revela a pesquisa **Update**, feita pela Câmara Americana de Comércio. Outro bom sinal: a região de Ribeirão Preto, uma espécie de Califórnia brasileira por sua alta renda per capita, apresenta reaquecimento nas vendas do comércio e da indústria. A retomada dos negócios deve ganhar agora um forte impulso, com o início da safra agrícola, responsável por um

terço do PIB de US\$ 16 bilhões da região.

As vendas do comércio aumentaram 15% na Grande São Paulo em março, em comparação com fevereiro. Embora esses números ainda sejam vistos com cautela pela Associação Comercial, que alerta para o menor número de dias úteis de fevereiro, o setor esperava resultados bem piores.

Inadimplência menor

As concordatas diminuíram na cidade de São Paulo. Elas haviam chegado ao recorde de 61 casos em novembro, número que decaiu mês a mês, até os 7 casos de março. O número de falências também diminuiu: de 36 em janeiro para 32 em fevereiro e 28 em março. Os protestos apresentaram uma queda impressionante: de 75.300 em janeiro para 45.500 em fevereiro e 35.600 em março.

A inadimplência nos bancos caiu de 5% do total dos empréstimos para 2%, índice considerado normal. A Fiesp também dá mostras de confiança. A entidade confirma a melhoria da situação das empresas e na semana passada recomendou a seus filiados que concedam reajustes de salários acima dos índices fixados pelo governo.

A queda da produção industrial em fevereiro foi de apenas 0,2% (o resultado de março ainda não foi divulgado pelo IB-

GE), uma surpresa para os técnicos do instituto, que esperavam índice bem superior. Seis dos 17 setores pesquisados revelaram resultado positivo, entre eles perfumaria, sabões e velas (9,2%), têxtil (8,3%) e metalúrgica (6,5%). A expectativa agora é pelo resultado de março. A produção de aço bruto aumentou 2,2% no primeiro trimestre do ano em comparação com igual período de 1990.

O setor automobilístico teve um ótimo mês de março. A produção aumentou 22,8% em relação a fevereiro, as vendas internas cresceram 25% e as exportações, 113%. O setor de autopeças elevou em 10% a produção. Porém, o nível de emprego continuou caindo, com três mil demissões no mês.

Otimismo

Os 81 empresários ouvidos na pesquisa **Update**, a maioria presidentes e altos executivos de empresas brasileiras e multinacionais, fazem previsões otimistas sobre o comportamento da economia nos próximos meses, mas entendem que a inflação se manterá em alta. Eles se mostram confiantes no desempenho de suas empresas e prevêem elevação nas vendas. Descrença mesmo só demonstram na capacidade do governo de gerenciar com competência a economia.

Artur Bernardes Júnior